Memorial do Rio Grande do Sul
Caderno de História nº 48



1500
A Primeira Missa no Brasil

Voltaire Schilling

Governo do Estado do RS - ***Yeda Crusius***
Secretaria de Estado da Cultura - ***Mônica Leal***
Memorial do RS - ***Voltaire Schilling***

MIOLO_1500.pmd 1 2/6/2008, 10:18

CADERNO DE HISTÓRIA
Memorial do Rio Grande do Sul

Coordenador da Obra
Voltaire Schilling

Capa
Fabiano de Llano

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica
Algo Mais - Editora

Revisão
Elizabeth Castillo Fornés

Impressão e acabamento
Algo Mais - Gráfica

R585r Rio Grande do Sul. Memorial do Rio Grande do Sul
1500, A Primeira Missa no Brasil / coord. Voltaire Schilling. – Porto Alegre: Memorial do Rio Grande do Sul, 2008.
36 p.: il.; 14.8 x 21 cm. – Caderno de História, nº 48

Inclui bibliografia e notas.

1. Primeira Missa no Brasil - história. I. Schilling, Voltaire, coord. II. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. III. Série.

CDU 930.9(07)

CIP – Catalogação na fonte: Paula Pêgas de Lima CRB 10/1229

MIOLO_1500.pmd 2 2/6/2008, 10:18

A Descoberta do Brasil
Portugal

"Que o mar com fim será grego ou romano. O mar sem fim é português."-
Fernando Pessoa - Mensagem, 1928

Numa ode patriótica composta entre os anos 20 e 30, de demorada elaboração, intitulada "Mensagem", o poeta Fernando Pessoa imaginou a Europa como um corpo de mulher. Estendida, tinha ela um dos seus cotovelos, o direito, fincado na Inglaterra e o outro, o esquerdo, recuado, na Península italiana, cabendo a Portugal ser o rosto nesta hipotética figuração. Pode não ter sido o rosto, mas a posição geográfica de Portugal, pequena faixa de terra voltada para a imensidão do oceano à sua frente, que condicionou seu destino por quase cinco séculos. Afinal, pergunta-se, para onde mais poderiam ir os portugueses senão para frente, para o que os árabes sempre chamaram de "mar tenebroso"? Na sua retaguarda, encontravam o castelhano, sempre disposto a engoli-los. Mais ao sul, outros rivais, os mouros, a quem haviam expulsado das terras lusas na época da pequena reconquista e com quem, deste então, mantinham uma interminável rixa, um *odium theologicum*, resultado de terem eles símbolos divergentes: a Cruz contra o Crescente.

Nada mais lhes restou aos seus marinheiros, aos seus navegantes, do que reprimir os seus medos e terrores sobre "o monstrengo que está no fim do mar" e enfrentar o incomensurável oceano aberto que se estendia infinito e misterioso a sua frente, a seguir por caminhos que ninguém ousara, a encontrar roteiros que ninguém havia encontrado, a ir atrás das Ilhas-Afortunadas, a buscar o paraíso em algum outro lugar.

MIOLO_1500.pmd 3 2/6/2008, 10:18

As navegações

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares dantes nunca navegados
Passaram ainda além da Trapobana
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana
E entre remota gente edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram.

Camões - Os Lusíadas, Canto I, 1572

Nos primeiros 50 ou 60 anos do século 15, a expansão lusitana pelos mares oscilou entre duas tendências. Uma delas era capitaneada pela corrente guerreira - a "Cruzada" -, interessada em combater os muçulmanos do Magreb, na Argélia e no Marrocos, assaltando-lhes as cidades costeiras - como ocorreu com a conquista de Ceuta, em 1415, e no desastrado ataque a Tânger, em 1437.

"A destruir o povo Sarraceno", disse Camões "muitos com tenção santa eram partidos." O Infante D. Henrique, morto em 1460, sonhava, por exemplo, em encontrar Preste João, a lendária figura do imperador cristão que vivia no coração da África - na Etiópia, mais precisamente - para ajudá-lo num ataque conjunto contra os mouros.

Esta política de conquista e de choque de espadas correspondia aos anseios belicosos da nobreza portuguesa, estimulada pelas fantasias literárias do cavaleiro andante, vendo, na ocupação dos territórios, uma ampliação da esfera de influência da cristandade e uma possibilidade de cobrar tributos, praticar saques e envolver-se em feitos para "ensopar as esporas em sangue mouro". Como disse Friederici sobre essas operações militares: "Rapina e ganância - e não o espírito das Cruzadas - deram o primeiro impulso ao movimento ultramarino dos portugueses e continuaram a dominá-lo".

MIOLO_1500.pmd 4 2/6/2008, 10:18

Ao mesmo tempo, paralelamente, crescia a corrente comercial pacífica, apoiada pela burguesia, sendo a expressão dos seus impulsos mercantis, que apenas pretendiam uma "política de alargamento marítimo e comercial". Não lhes interessava a conquista de territórios, mas sim a instalação de feitorias(*), especialmente nas costas africanas, para traficar marfim, ouro e escravos, dando em troca panos e trigo. Diogo Gomes aponta as datas de 1445-6 como o momento em que a política pacífica conseguiu sobrepujar o espírito de cruzada. Mesmo assim ela não foi absoluta, pois, ainda em 1448, o Infante D. Henrique e o rei se entusiasmavam por conquistar o Marrocos.

Como assegurou Vitorino Magalhães Godinho, "Não existe... uma diretriz única de expansão. Na convergência da expansão comercial da burguesia e de expansão guerreira para a nobreza reside plausivelmente a causa dos descobrimentos e das conquistas".

Neste período, a área de interesse lusitano abarcava o nordeste do litoral africano e os arquipélagos formados pelas ilhas Canárias, do Cabo Verde, Açores e Madeira. Eles serviram de laboratório para as futuras colonizações e como trampolim de onde as expedições navais saltavam para o desbravamento da costa africana meridional, até Vasco da Gama chegar à Índia, em 1498 e, em seguida, para Pedro Álvares Cabral atravessar o Atlântico Sul em direção ao Brasil em 1500, compondo ambas as viagens um dos maiores feitos das navegações em todos os tempos.

(*) *A feitoria era um posto comercial fortificado, que abrigava uma guarnição sob o comando de um fidalgo. Quem a administrava era um feitor, que fazia os contatos com os sobas, os chefes africanos, e os comerciantes da região. Dispunha de armazém que servia como depósito de mercadorias.*

MIOLO_1500.pmd 5 2/6/2008, 10:18

O Infante

Em seu trono entre os brilhos das esferas/ Com seu manto de noite e solidão/ Tem aos pés o mar novo e as mortas eras - Um único imperador que tem, deveras/ O globo mundo em sua mão. Fernando Pessoa - "Mensagem", 1928

O Infante D. Henrique (1394-1460), filho de D. João I, foi o grande cérebro (a "cabeça do grifo", na imagem que Fernando Pessoa fez dele) que durante mais de 40 anos estimulou a política marítima do reino de Portugal. Os cronistas Azurara e Diogo Gomes indicam-no como o principal responsável pelas "conhecenças do mar", que ajudou a acumular. Apontaram-no como o dínamo dos descobrimentos. Não só isso, retirado, desde 1443, para o Promontório de Sagres, no Algarve, ao sul de Portugal, ele teria patrocinado uma escola de navegantes, a Academia de Sagres na Tercena-nabal. Lá, bem longe da Corte, na Vila do Infante, ele acolhera marinheiros e outros "sabedores do mar", bem como grandes cartógrafos e geógrafos de todas as procedências e nações, que auxiliaram com seu conhecimento à expansão de Portugal nos séculos 15 e 16. Entre eles, Jaime de Maiorca (Jehuda Cresques), filho do judeu Cresques, de Maiorca, o que elaborara o célebre Atlas Catalão de 1375. O Infante foi um comissário informal da Cristandade Ocidental abrindo caminho para a desbravação da África e da Índia.

A política do segredo: no entanto, as comprovações disso são escassas. Bem pouco material documental assegura a existência da escola. A maioria das referências são indiretas. O historiador Jaime Cortesão creditou ser natural esta ausência de provas (*). Era proposital. O Infante, e todos depois dele, temiam que seus mapas e pesquisas pudessem cair em mãos inimigas, receando a "espionagem naval" financiada por outras potências marítimas. Portugal inteiro, não apenas seus governantes, adotou, desde cedo, a política do segredo. Isto explica também as pouquíssimas narrativas das descobertas feitas por cronistas lusos, como registrou Sérgio Buarque de Holanda, no seu clássico "Visões do Paraíso".

MIOLO_1500.pmd 6 2/6/2008, 10:18

O que de concreto se sabe é que o Infante, como grão-senhor da poderosa Ordem de Cristo (**), recebeu, em 8 de janeiro de 1454, do Papa Nicolau V, o monopólio da exploração comercial das atividades praticadas na costa africana até a Índia. Isto o tornou, objetivamente, um grande interessado em estimular o desbravamento dos mares. Daí denominar, as primeiras décadas do século 15, como "era dos descobrimentos Henriquinos".

Vitorino Magalhães Godinho (A economia dos descobrimentos Henriquinos, Lisboa, 1962) alinha os seguintes tópicos sobre os interesses do Infante:

- A curiosidade geográfica que o movia, sendo esta, no entanto, pré-científica.
- O espírito de guerra contra os infiéis, afinal ele era o supremo da Ordem de Cristo, cuja missão era dar combate ao Islã.
- Anseio de converter as almas e de catequizar os gentios.
- Preocupação comercial pelo ouro e demais mercadorias (escravos, açúcar).
- Ambição de honra e o engrandecimento da sua casa senhorial, a dinastia dos Avis .

(*) *Revista Lusitânia, nov. de 1924.*
(**) *A Ordem de Cristo era uma versão lusitana da Ordem dos Templários que, ao invés de se indispor com a monarquia, como ocorreu com os templários franceses, no tempo do Rei Felipe o Belo, foi utilizada pela Coroa portuguesa para a conquista dos mares.*

MIOLO_1500.pmd 7 2/6/2008, 10:18

Os caminhos do Atlântico

Os oceanos e mares são corpos vivos formados por extensões colossais de água em perpétuo movimento, escarpelados e agitados, embalados por tumultos submarinos e de superfície, tufões, correntes, vendavais, ventanias e ventos de todas as espécies.

No entanto, em meio àquela gigantesca vastidão, foi possível descobrir, como observou Jaime Cortesão - graças à posição geográfica de alguns grupos de ilhas, "interpostos como lugares de passagem ou estações intermediárias" - caminhos e até atalhos possíveis de serem tomados por marinheiros experientes. Colombo, por exemplo, desenvolvera uma intuição notável, "faro", podemos dizer, para captar a direção dos alísios, percebendo antes de todos o sentido das oscilações marinhas. Olhado a frio, o oceano é uma esfinge. Não existe para o leigo nenhuma indicação, nada que seja visível da rota a ser seguida. É somente a experiência, afinada por uma prática de anos e anos de vida no mar e por uma acurada leitura da escrita estrelar, somada à destreza no uso dos instrumentos de navegação, tais como a bússola e o astrolábio, que permitem identificá-la.

Caravelas e pilotos: os portugueses, que enfrentavam o Mar Oceano desde o século 14 (a primeira viagem oficial oceano adentro registrou-se em 1341, feita pelo genovês Manoel Pessanha [Pezagno] a mando do rei luso, rumo às Ilhas Canárias), tiveram a sua disposição uma maravilha da engenharia náutica, que foi a caravela, "gigante dos mares que irão permitir as grandes navegações atlânticas", segundo Jean Favier.

Esta parece ter resultado da evolução do *carib* árabe, o barco de vela latina com o qual os mouros assolavam os portos atlânticos europeus, partindo de Lisboa na época em que dominavam o litoral português. Ela aprimorou-se com a técnica de calafetação à carvel, desde o século XIII aperfeiçoada pelos carpinteiros portugueses nos estaleiros da Ribeira das Naus, erguidos no Rio Tejo, o que foi fundamental para

MIOLO_1500.pmd 8 2/6/2008, 10:18

a conquista do "mar tenebroso". Os principais pilotos lusos, como Gil Eanes, Diogo Cão, Bartolomeu Dias e Vasco da Gama, e tantos outros mais, tornaram-se célebres por enfrentar os desafios das ondas, das marés, das tempestades e dos ventos, fazendo, deles, os melhores do mundo nos dois primeiros séculos das navegações transoceânicas.

As rotas: o Oceano Atlântico, cuja extensão é de 82.439.700 km2, possui quatro grandes caminhos ou rotas, que aproximam o Continente Europeu do Novo Mundo. A primeira delas, a chamada "rota dos *vikings*" fica bem ao norte. Saindo das costas da Noruega ou do Mar do Norte, passa pela Islândia, Groenlândia e chega até a Península do Labrador, no Canadá. Na volta, saindo-se da Terra Nova, aproveitando a corrente do Golfo, chega-se à Irlanda ou à Inglaterra.

Mais abaixo, ao centro, encontra-se a "rota de Colombo" que, desancorando-se dos portos ibéricos - tanto o de Sevilha como o de Lisboa - passando pelo arquipélago das Canárias e, depois de longa e solitária travessia, contornando o Mar dos Sargaços, permite que se atinjam as Antilhas e, navegando mais ao sul, a embocadura do Rio Orinoco, na Venezuela. O retorno fazia-se mais acima, chegando-se à Europa pelos Açores.

A que liberalmente podemos chamar de "rota do Brasil", tem seu impulso dado pela corrente equatorial do Sul, que sai do litoral africano, da região do Golfo da Guiné, e, apoiando-se nas Ilhas do Cabo Verde, alcança a Bahia, para, dali, pela corrente do Brasil, atingir o Rio de Janeiro, bem mais abaixo. Foi essa rota a comumente usada pelos navegantes lusos para chegarem-se ao litoral brasileiro. E, por fim, há a "rota afro-sul-americana" que sai da África do Sul às partes meridionais da América do Sul, alcançando o estuário do Rio da Prata, na costa argentina. Cada uma delas apresenta suas peculiaridades, um conjunto de ventos e correntes marítimas que as caracterizam e requerem conhecenças náuticas específicas para evitar-se o extravio no alto mar.

MIOLO_1500.pmd 9 2/6/2008, 10:18

O Descobridor

Por se levantar a gloria/ das linhagens mui honradas
Que por obras mui louvadas de si deixaram memória
A quem lhe siga as pegadas/ Suas armas decifrando,
Algum irei lembrando/ donde a nobreza lhe vem
Por que faça quem a tem por sustentar, bem obrando.

De púrpura celestial sobre prata mil luzente,
a geração mui valente que delas se diz Cabral....

(João Roiz de Sá, algumas linhagens de Portugal)

Pedro Álvares Cabral

Pedro Álvares Cabral, de quem não se sabe muito, era de família nobre, da "melhor casta" como diziam então. O sobrenome adequava-se ao brasão da casa - duas cabras de prata num fundo avermelhado. Nascido no castelo de Belomonte, provavelmente em 1467 ou 1468, desde pequeno ficou íntimo das coisas guerreiras e dos atributos do mar. Entrou bem jovem na corte de João II, como moço fidalgo, onde estudou cosmografia e artes navais, convivendo com as gentes dos oceanos que a freqüentavam. Casou com D. Isabel de Castro, uma mulher rica de poderosa família, o que fez com que aumentasse seu gosto faustoso "de grandezas, possuidor de grande estado". D.Manuel nomeou-o fidalgo do conselho e depois capitão-mor da expedição para as Índias.

Provavelmente os seus modos imponentes, ajudados pela "desmedida estatura" herdada do pai Fernão Cabral, e seu aprumo no vestir contribuíram para a sua escolha. *El-Rei* esperava impressionar os príncipes do Oriente com a figura soberba de Cabral. Seu gosto pelo

MIOLO_1500.pmd 10 2/6/2008, 10:18

formalismo e pelos aparatos do poder é que explicam ter ele recebido dois assustados índios na nau capitânia, ancorada no litoral brasileiro, com um colar de ouro ao pescoço, sentado majestosamente numa cadeira-trono do seu camarote, com os oficiais agachados ao seu redor, sobre um fino tapete.

Quem também o recomendou ao rei, enaltecendo-o, foi o ilustre Afonso de Albuquerque, que dele disse:

> ... é homem que eu sei certo que terá Vossa Alteza contentamento de sua pessoa e de todas as coisas honradas que nele há para algumas necessidades de vosso serviço que lhe encarregardes... e que em todos os feitos em que ele puser as mãos, que vós há de merecer mercê." (in Cartas de Afonso de Albuquerque)

MIOLO_1500.pmd 11 2/6/2008, 10:18

A Viagem

Num domingo, dia 8 de março de 1500, Lisboa estava em festa. A Armada, comandada por Pedro Álvares Cabral, desferrava-se; partiria para as Índias. Ancorada no Restelo, depois chamado de Belém, nas margens do Rio Tejo, zarpava em busca das almejadas especiarias de Calicute e de outros logradouros orientais. Compunha-se de 13 barcos, com 1200 a 1500 soldados, dotados de bom armamento e de poderosa artilharia.

As informações sobre a trajetória a seguir vinham da viagem anterior, capitaneada por Vasco da Gama, retornado a Portugal oito meses antes, com os porões carregados de pimenta, canela, gengibre, tecidos finos e outras excentricidades orientais, que tanta procura tinham entre os europeus. Em verdade, tratava-se de uma expedição militar-comercial, pois as relações de troca com o Oriente envolviam medidas coercitivas e, seguidamente, violentas, como os acontecimentos sofridos pela feitoria portuguesa em Calicute revelaram.

A cruzada econômica: depois de oficiada a missa, *El-Rei* D. Manuel, o Venturoso, entregou a Cabral a bandeira da Ordem de Cristo e um barrete benzido pelo papa especialmente para a ocasião. Além de desbravar outros caminhos, os lusos, como a maioria dos cristãos medievais, consideravam-se em guerra permanente contra o Islã. A expedição às Índias era, de certa forma, uma cruzada de outro tipo, isto é, econômica. Pensavam, ao circunavegarem a África, atingir os mercados orientais e assim enfraquecer a economia dos infiéis, pois os portos do Levante, controlados por eles, atuavam como intermediários, quase que monopolistas, do valiosíssimo comércio das especiarias. Estabelecida uma rota oceânica certa e confiável para as Índias, os portugueses afastariam a mão do mouro daqueles negócios.

O cavaleiro-mercantil: disse ter sido Pedro Álvares Cabral um cavaleiro-mercantil, afeito à era da Revolução Comercial que se avizinhava, que sabia combinar a busca pelos feitos de honra com as afeições aos dinheiros e aos ganhos. Não mais um cruzado, de elmo, lança e escudo, marchando para libertar o Santo Sepulcro, mas um capitão-do-co-

MIOLO_1500.pmd 12 2/6/2008, 10:18

mércio, emproando uma nau com canhões, atrás de lucros, debilitando o Crescente, inimigo da Cruz, atacando-o pela retaguarda. Outros tempos, outras armas. O palco da luta não seria mais só a costa norte do Mediterrâneo, o litoral do Marrocos, a Argélia, o Egito e a Palestina, mas as águas quentes do Oriente, os portos da terra dos marajás.

Gente ilustre: além do comandante-mor, Pedro Álvares Cabral, fidalguíssimo, estavam a bordo Bartolomeu Dias, que primeiro cruzara o cabo da Boa Esperança no sul da África, o "Capitão do Fim" como o chamou Fernando Pessoa; Nicolau Coelho, que acompanhara a expedição de Vasco da Gama à Índia dois anos antes; Duarte Pacheco, descobridor de terras na África e na América, e o franciscano D. Henrique, futuro inquisidor, que trazia consigo mais sete outros frades e seria quem oficiaria a 1ª Missa no Brasil. O substituo oficial de Cabral, seu vice-comandante, era um fidalgo espanhol, refugiado na corte de D.Manoel, chamado Sancho de Tovar.

O mar longo: a viagem de Cabral, segundo os registros, foi sem grandes sobressaltos. Perdeu-se apenas uma embarcação. No dia 14 de março a esquadra passou pela Grã- Canária e, no dia 22, pelas ilhas do Cabo Verde. Dali rumou para o oeste, enfrentando o "mar longo", navegando nele por um mês. Após percorrer 660 léguas, uns 3600 quilômetros, "topamos alguns sinais de terra, sendo da dita ilha", registrou o escrivão Caminha; viram abundantes plantas e algas, "que os mareantes chamam botelho" vindas da costa brasileira.

Era uma quarta-feira, 22 de abril de 1500, quando batizaram de Monte Pascoal a primeira elevação que avistaram do mar, por ser o oitavo dia da Páscoa cristã, e a terra, segundo Caminha, de "a terra da Vera Cruz". O relato mostra que não houve surpresa por parte da tripulação ou dos comandantes com o "achamento". Indicam, isso sim, que eles tinham certeza que encontrariam terra em algum ponto na travessia do mar longo (que se pode entender como o mar que separa a costa africana da brasileira).

A franja de litoral que lhes coube desembarcar estava, como verificou-se posteriormente, dentro dos limites estabelecidos aos lusos pelo Tratado de Tordesilhas, que a partir das 370 léguas das ilhas de Cabo Verde, dividiu o mundo a ser desbravado entre os dois reinos Iberos, acertado pelo Papa Alexandre VI, em 1494.

MIOLO_1500.pmd 13 2/6/2008, 10:18

Na praia: na reunião feita a bordo do navio capitânia, ancorado na boca do Rio Frade, no Estado da Bahia de hoje, decidiu-se enviar para a praia a Nicolau Coelho, um veterano que seguira Vasco da Gama. Na sua companhia foi um tradutor, um judeu de nome Gaspar da Gama, por dominar alguma coisa de árabe e de outros idiomas exóticos, pois os chegados pensavam ser costa indiana.

Mal o batel encalhou na praia foi recebido pacificamente por 18 homens, que como os descreveu o escrivão Pero Vaz de Caminha, eram "pardos, maneira de avermelhados, nus, sem nenhuma cobertura, ...muito rígidos, armados de arco e flechas". Imediatamente, recorrendo a sinais, trocaram presentes. Os lusos deram-lhes "um barrete vermelho, uma carapuça de linho e um sombreiro preto", recebendo um cocar de penas muito coloridas e compridas.

Dois mundos: Espantaram-se os navegantes com os pequenos ossos que os nativos traziam atravessados nos lábios - "os bicos de ossos nos beiços" - e por sua inocência e ausência de pudor. Eram Adão antes de provar o fruto proibido. Naquele curto instante, nos estreitos limites da praia baiana, à sombra das palmeiras, dois mundos separados por séculos, por milênios, se encontraram. Duas eras encararam-se frente a frente: o ser pré-histórico da Idade da Pedra viu-se, sem o saber, perante o seu futuro conquistador, o ser da Idade do Ferro, ali armado de mosquete e espada. O homem cor de cobre, o tupi, cederia nos séculos vindouros tudo aquilo que o cercava ao lusitano, o brancarrão barbudo desembarcado, vindo da distante Europa.

Descrevendo os nativos, disse deles AméricoVespúcio numa das suas Cartas:

> Não têm lei, nem fé nenhuma. E vivem segundo a natureza. Não conhecem a imortalidade da Alma, não têm, entre eles bens próprios, porque tudo é comum: não têm limites de Reinos, e de Províncias; não têm Rei; não obedecem a ninguém. Cada um é senhor de si; nem favor, nem graça a qual não lhes é necessária, porque não reina entre eles a cobiça: moram em comum em casas feitas à moda de cabanas muito grandes, e para gente que não têm ferro, nem outro metal qualquer, se pode dizer que suas cabanas, ou casas maravilhosas, porque eu vi casas que são longas 220 passos, e largas 30, e habilmente fabricadas, e numa destas casas estavam 500, ou 600 almas. Dormem em redes estendidas de algodão, estendidas no ar sem outra cobertura;

MIOLO_1500.pmd 14 2/6/2008, 10:18

> comem sentados no solo...raízes de árvores, raízes de ervas, e frutas muito boas, inúmeros peixes...São gente muito prolífera; não têm heranças, porque não têm bens próprios. - (Carta a Lourenço de Medici, 1502)

Porto Seguro: reembarcados, levantaram âncora e navegaram mais acima, para um lugar mais protegido, o Porto Seguro, onde foi rezada a 1ª Missa, no Domingo do dia 26 de abril de 1500. A terra recém achada foi considerada como uma dádiva divina colocada ao alcance de D. Manuel. A cerimônia religiosa, oficiada por D. Henrique de Coimbra, consagrou-a como espaço a ser convertido e integrado à Cristandade. Depois de mais alguns encontros onde estiveram presentes mais de 400 indígenas, curiosos perante a chegada daquela gente estranha, a expedição fez-se novamente ao mar no dia 2 de maio de 1500, retomando a viagem para a Índia. Não ficaram mais de dez dias na Terra dos Papagaios, como foi popularmente chamada. Além de dois degredados que aqui foram deixados aos prantos, dois grumetes fugiram de bordo e nunca mais foram vistos. Eram, esses anônimos, os primeiros brasileiros.

MIOLO_1500.pmd 15 2/6/2008, 10:18

A Descoberta do Brasil

A carta de Caminha

A carta do escrivão Pero Vaz de Caminha, iniciada em 26 de abril e concluída no dia 1º de maio de 1500, foi enviada imediatamente para o rei por intermédio de Gaspar de Lemos, anunciando a boa nova da descoberta de terras. Ela tornou-se "a certidão de nascimento" do Brasil, como a chamou Capistrano de Abreu. O documento, no entanto, só se tornou publico em 1790, sendo a carta publicada, por primeira vez no Brasil, em 1817, pelo geógrafo Manoel Ayres do Casal, no primeiro volume da Corographia.

É uma narrativa detalhada e minuciosa do que se passou na viagem e dedica inúmeras páginas, das 26 originais, a descrever os nativos e as terras encontradas, onde, segundo ele, maravilhado com a exuberância tropical, "Esta terra, senhor" escreveu "em tal maneira é graciosa que querendo-a aproveitar dar-se-á nela tudo".

Foi baseado nas informações de Caminha que D. Manoel enviou mensagem comunicando a descoberta ao Reis Católicos da Espanha, Fernando e Isabel, remetida em agosto de 1501. Minimizando a viagem ao Brasil, enfatizou o contato com Calicute e com a Índia. Sobre o Brasil disse aos reis seus vizinhos, quase que somente:

> ...o dito meu capitão...nas oitavas da páscoa seguinte chegou a uma terra que novamente descobriu, a qual pôs o nome de Vera Cruz, na qual achou gentes desnudas como na primeira inocência, mansas e pacíficas: a qual parece que Nosso Senhor milagrosamente quis que achássemos por serem muito úteis, porque é muito conveniente e necessária para a navegação para a Índia, porque ali reparou seus navios e tomou água.." *(Carta del Rey D. Manuel de Portugal a los Reyes Católicos, dándoles cuenta de todo lo sucedido en el viaje de Pedro Álvares Cabral por la costa de África hasta el Mar Rojo)*

MIOLO_1500.pmd 16 2/6/2008, 10:18

Conclusões

O "achamento" do Brasil pela frota de Pedro Álvares Cabral não teve efeitos imediatos, nem para os lusos nem para os nativos. Somente meio século depois, com a instalação de um governo-geral na Bahia, em 1549, é que pode se dizer que seu descobrimento começou a gerar proveitos. A razão disso é que a Coroa Manuelina estava mais interessada no comércio com as Índias, devotando suas energias para a instalação de uma atividade regular com Calicute e outras feitorias, mas também por não terem encontrado, os portugueses, nenhum metal precioso no território recém conhecido. Assim, o Brasil foi considerado, em seus princípios, apenas como uma paradouro, eventualmente a recorrer-se, na "carreira para as Índias". Tanto é que a frota de Cabral partiu uns dias depois ao da missa.

Quanto ao descobrimento ter sido causal ou não, como colocou em duvida o escritor brasileiro Joaquim Norberto, parece-nos hoje uma discussão ociosa, bem como aquelas outras afirmações de ter sido o litoral brasileiro desbravado antes por outros navegadores, tais como Jean Cousin, Martim Behaim ou Vicente Pinzón. "Paz do esquecimento" recomendou Oliveira Martins "a todas as quimeras!"

MIOLO_1500.pmd 17 2/6/2008, 10:18

A Descoberta do Brasil

Quadro da Expansão Marítima Lusitana

Ano	O Feito e o Fato
1415	Expedição portuguesa liderada pelo Rei D. João I, conquista a cidade de Ceuta no norte da África, em 21 de agosto de 1415.
1420/3	Os navegantes João Gonçalves Zarco e Tristão Teixeira descobrem a ilha da Madeira.
1424	D.Fernando de Castro comanda expedição contra as ilhas Canárias.
1425	Colonização da ilha da Madeira.
1432	Gonçalo Velho viaja para a ilha dos Açores.
1434	Gil Eanes passa o Cabo Bojador abrindo a rota para o sul da África.
1437	Fracassa a conquista do Marrocos. Os portugueses são derrotados na batalha de Tânger.
1441	Nuno Tristão descobre o Cabo Branco.
1443	O Infante D. Henrique recebe o Promontório de Sagres como Vila de Sagres, tornando o local, a partir de 1450, centro impulsionador das expedições navais lusitanas. D. Henrique morre ali, em 1460.
1444	Dinis Dias descobre o Cabo Verde.
1445	Gomes Pires, Laçarote e outros chegam ao Senegal.
1456	Descoberta das ilhas do Cabo Verde.
1484	Diogo Cão navega até a embocadura do Rio Zaire, no Congo. Colombo oferece ao rei português os planos da viagem para chegar à Índia navegando pelo ocidente. Foi rejeitado.
1488	Bartolomeu Dias descortina o cabo das Tormentas, na África do Sul, rebatizado pelo Rei João II de Cabo da Boa Esperança, caminho para os mares da Índia.
1498	Vasco da Gama chega ao porto de Calicute na Índia.
1500	Pedro Álvares Cabral desembarca no litoral do Brasil.

MIOLO_1500.pmd 18 2/6/2008, 10:18

Os Barcos

Barca - embarcação de 25 toneladas, coberta só em parte, com uma tripulação pequena de 10 ou 14 homens, tendo um mastro grande com vela quadrada e outra menor que podiam rizar quando fosse preciso.

Barinel - era maior e mais cumprido do que a barca e embora tivesse velas podia ser movido também a remos, como uma galé. Devido a isso tinha a necessidade de uma tripulação bem maior do que a da barca.

Caravelas - divididas em "redondas" ou armadas, eram embarcações de 50 toneladas, medindo de 20 a 30 metros de comprimento, por 6 a 8 de largura, com castelo na popa e três mastros apetrechados com velas "redondas" e latinas o que as permitia andar com vento lateral. Eram consideradas as melhores para navegar. Nas que faziam viagens transoceânicas, foram colocadas velas quadradas com quatro mastros, sendo que o do fraquete levava uma vela quadrada e as demais velas latinas. Seu peso saltou para 150-200 toneladas.

Galeão - era um pequeno navio de guerra.

Galera - barco a remo e velas, geralmente com um só mastro, utilizado em toda a antigüidade para a navegação de curta distância. Por ter que transportar remadores, de 180 a 300 homens, sua capacidade de carga era reduzida. Navegava em mares fechados, como o Mediterrâneo, ou perto do litoral. Embarcação inútil nas viagens transoceânicas.

Nau - ou navio de carga e de passageiros, tinha castelos na proa e na ré e velas com Cruz-de-Cristo vermelhas pintadas. Pesavam ao redor de 400 toneladas, mas algumas chegavam a 800 e até a mil. Consideradas excelentes para enfrentar o alto-mar e capazes de transportar grandes carregamentos.

MIOLO_1500.pmd 19 2/6/2008, 10:18

1500: partindo do Tejo

"Mais do que prometia a força humana/ entre gente remota edificaram/ Novo Reino que tanto sublimaram" - Camões - Os lusíadas, 1572.

Desde que se mudara do Palácio de Alcáçova para o Paço da Beira, o Rei D.Manoel assumira pessoalmente a supervisão da construção dos barcos, ainda que isso fosse um tormento para ele e para os seus, devido à barulheira que faziam o mestre-carpinteiro e seus auxiliares. O Paço estava, por assim dizer, ao pé da gente da Ribeira das Naus, o grande estaleiro português do Rio Tejo, onde havia mais de século anônimos vulcanos forjavam no fole e no braço a conquista do Mar Tenebroso; do despontar do sol ao entardecer não paravam com o seu ofício.

Ao mesmo tempo em que as embarcações eram erguidas, a passagem dos 1500 anos do cristianismo reforçou o desejo de Sua Majestade imortalizar a sua dinastia, lançando-se, também, na construção do Mosteiro dos Jerônimos. Seria um imenso edifício com uma fachada de 300 metros, à entrada de Lisboa, que serviria de panteão aos Avis. O dinheiro para ambos, para as naus e para o monumento, vinha da Vintena da Pimenta, receita do comércio africano e de sobras do tráfico



A armada partindo para o Oceano

MIOLO_1500.pmd 20 2/6/2008, 10:18

oriental. Chamaram-no de rei "Venturoso", e não sem razão.

A agitação febril mais recente, atiçada pelas ferramentas dos ferreiros, fundidores e tanoeiros, que sacudia os estaleiros, resultara do sucesso da viagem de Vasco da Gama, que há pouco retornara das Índias, em 10 de julho de 1499, com os porões carregados de essências orientais que renderam um dinheirão (estimam em 60 vezes o valor gasto na viagem). Escancarara-se o caminho do Oriente para os navegadores lusos. Não podia haver perda de tempo. Uma nova carreira, desta vez bem mais numerosa do que os 4 navios do Gama, deveria abalar-se de imediato pelo oceano afora.

Lisboa já era porto importante desde os tempos da ocupação dos mouros. Dos seu cais freqüentemente partiram piratas para o norte, assolando as costas da Normandia e, consta, até do sul da Inglaterra. A melhor herança que os portugueses deles receberam, quando retomaram a cidade, em 1147, foi aprender a navegar com as velas latinas (de três lados), logo se tornando peritos nas incursões em mar aberto. Aos panos triangulares, juntou-se o domínio da feitura das caravelas (de carvel, uma técnica de calafetação), uma evolução do *carib* árabe, que os lusos vinham aperfeiçoando desde o medievo. O resto, a coragem deles fez.



A caravela, a maravilha da engenharia náutica portuguesa

A caravela, esta maravilha da engenharia náutica portuguesa, foi uma espécie de foguete dos oceanos, que lhes permitiu desbravar o vastíssimo cosmo salgado que se abria a sua frente. Barco ágil, com uns 30 metros de comprimento, pouca gente a bordo (de 25 a 30 marinheiros), uma proa afiada, casco de pinho ou de carvalho protegido com

MIOLO_1500.pmd 21 2/6/2008, 10:18

breu e alcatrão, um leme seguro e velas latinas, faziam que ela pudesse navegar com qualquer vento - mesmo contra -, tirando lucro até na bafagem, uma brisa um pouco superior à calmaria. Com ela, bem antes de Vasco da Gama, Nuno Tristão margeara a costa africana, passando do Cabo Bojador até o Senegal; Diogo Cão, por sua vez, chegara a Angola, onde tivera um encontro espantoso com o rei do Congo, e, Bartolomeu Dias, o "capitão do fim", encontrara o Cabo da Boa Esperança e as águas quentes e cheias de promessas do Índico, participantes eles todos, no dizer de Lévy-Strauss, "da única aventura total oferecida ao homem".



O Paço, local de partida da Armada

"Titãs de Cristo! Cavaleiros", chamou-os Fernando Pessoa. Num dos poucos poemas que ele viu publicados em vida ("Mensagem" é de 1934), ele imaginou a Europa como uma ninfa "posta nos cotovelos", um deles, o esquerdo, era a Itália, o outro, o direito, era a Inglaterra, ambos apoiam o rosto, "o rosto com que fita é Portugal". Se assim é, podemos supor que os seus lábios foram a embocadura do Tejo. Dali, iniciando-se um dos maiores feitos navais da história, as 13 naus de Pedro Álvares Cabral, finalmente aprontadas e apetrechadas, no dia 8 de março de 1500, sob o olhar esperançoso de D. Manoel, desferraram-se empinando a bandeira da Ordem de Cristo e um barrete abençoado pelo Papa, zarpando para vir descobrir o Brasil. A então Terra de Vera Cruz resultaria, pois, do beijo da Europa!

MIOLO_1500.pmd 22 2/6/2008, 10:18

O primeiro encontro

Na manhã do dia 22 de abril de 1500, um bote cheio de marinheiros lusitanos, que haviam feito a travessia do Atlântico, encontraram nas praias do litoral sul da Bahia de hoje, gente que ninguém vira antes. O homem da Idade do Ferro, viu, pela primeira vez, o Homem da Idade da Pedra. Começava ali a história do Brasil.



Caminha lê a carta a el-rei *no camarote de Cabral*

Desembarcamos logo na espaçosa parte, por onde a gente se espalhou, de ver cousas estranhas desejosa. Da terra que outro povo não pisou: porém eu com os pilotos na arenosa praia, por vermos em que parte estou, me detenho em tomar do Sol a altura e compassar a universal pintura. - Camões "Os Lusíadas", canto V, 1572

MIOLO_1500.pmd 23 2/6/2008, 10:18

A reunião dos capitães

Na manhã, já alta, do dia 22 de abril de 1500, todos os capitães reuniram-se na nau-capitânia para deliberar. Cabral, "homem de muitos primores", dado aos veludos e às holandas, os recebeu no seu camarote de grão-senhor, entre rodadas de vinho. A travessia pelo "mar longo" fora um sucesso. Era a primeira vez que eles se encontravam desde a partida de Lisboa, donde desferraram-se havia mais de 40 dias passados. Lá, entre os chefes dos homens do mar, estava o substituo de Cabral, o jovem exilado castelhano Sancho de Tovar. Além dele via-se Simão de Miranda, Aires Gomes da Silva, cujos antepassados vinham de Leão e Castela, os irmãos Dias, Diogo e Bartolomeu (que sumiria num tufão em alto mar, uns tempos depois), Simão de Pina, o neto do velho Rui de Pina que negociara o Tratado de Tordesilhas, Pêro de Ataíde, que ainda lamentava o desaparecimento do seu irmão Vasco, nas alturas do Cabo Verde; Duarte Pacheco, o "Aquiles lusitano", que alguns estimam ter estado aqui um ano antes; Nuno Leitão da Cunha; o célebre Gaspar de Lemos; Luís Pires, e, ainda, o feitor Aires Corrêa, que iria fundar um estabelecimento ao aportar mais tarde em Calicute. Tratava-se da fina flor da nobreza lusa, descendentes muitos deles dos valentes que lutaram em Aljubarrota em 1385, a batalha que garantiu a independência lusitana. Eram a vanguarda dos conquistadores do Mar Oceano.

MIOLO_1500.pmd 24 2/6/2008, 10:18

Nicolau Coelho vai até a praia

Da murada do barco, ancorado numa pequena enseada, um quilômetro ou um pouco mais longe das areias, no atual litoral sul da Bahia, avistaram um grupo de nativos andando pela praia. Eram só uns sete ou oito. Sem haver sinais visíveis de hostilidade, determinaram que Nicolau Coelho fosse num batel averiguar as novidades daquela terra ignota . Esperançados de serem elas as costas mais extremadas do Malabar, disseram-lhe que levasse o judeu Gaspar. Este, um prodígio em línguas, recepcionara Vasco da Gama no mais puro italiano, quando da chegada do capitão em Calicute, dois anos antes, em 1498. Capturado e convertido ao cristianismo com o sobrenome de "Gama", levaram-no para Portugal, onde até o rei o consultava em coisas das Índias.

Quando o bote aproximou-se da embocadura do rio, um bando de nativos armados e completamente nus, veio firme para cima deles. Nicolau Coelho, escolado em abordagens africanas, fez sinal de paz para que deixassem as flechas de lado. Caminha, o escrivão-mor da frota, que o acompanhava, encantou-se com a estampa deles. Bons de corpo, pernas e braços rijos, de cor parda ou avermelhada, feições definidas, e totalmente desavergonhados nas coisas de sexo. Estranhoulhes o escriba, os beiços trespassados por ossos e a cabeça raspada, sabese lá a que custo, bem mais para o alto da orelha, decorada com penas de pássaros.



Casal de nativos

MIOLO_1500.pmd 25 2/6/2008, 10:18

Troca de presentes

Ali mesmo na praia trocaram presentes. Nicolau Coelho estendeu a eles um "barrete vermelho e uma carapuça de linho", além de "um sombreiro preto". De volta, deram-lhe um cocar e um colar de continhas brancas. Tudo feito por mímica, por sons. Gaspar da Gama, o homem das mil línguas, não entendeu uma só palavra trocada entre eles. Era gente nunca vista dantes por ninguém que ia a bordo. Se verdes e papagaios não faltavam naquelas margens, ouro que era bom, nada. Sequer ferro ou outros metais. Uma decepção.

Nativos a bordo

Cabral, que neste dia não arriou, fez questão de que trouxessem alguns nativos a bordo. O piloto Afonso Lopes, andando a remar atrás de um bom porto, deparou-se com dois rapagões por ali disponíveis. Levaram-nos ao comandante. Para espanto dos marinheiros, que os receberam "com muito prazer e festa", logo depois de terem sido apresentados, e largamente examinados por um Cabral vestindo em pompa, acompanhado dos seus capitães, deitaram-se os dois no convés para um tranqüilo sono. O único entusiasmo que os jovens índios demonstraram, depois de se assustarem com umas galinhas, deu-se por "um rosário de contas brancas". Definitivamente, eles não eram súditos do Samorim ou de um Marajá. Aliás, pelo que viram, deram com um povo sem lei, nem fé, nem rei!

MIOLO_1500.pmd 26 2/6/2008, 10:18

Um novo mundo



Pardos, avermelhados, cheios de penas

Encontraram, os lusos, um outro mundo abaixo do equinócio. Ninguém o assinalara antes. Nem os portulanos o indicavam, nem o celebrado Globo de Martim Behaim de 1492, onde, ao ocidente, só se viam desenhadas algumas ilhas, a maioria delas imaginárias (com a das "Sete Cidades", ou mesmo uma de nome "Brasil"). Se Deus, até então, não avisara a existência daquelas terras aos cristãos, e se os nativos ignoravam a existência de Jesus Cristo, concluíram também que não tinham ciência, nem juízo, do crime de Adão. Convenceram-se, então, não haver Pecado do lado de cá do equador. Por essas bandas era um vale-tudo.

MIOLO_1500.pmd 27 2/6/2008, 10:18

A Primeira Missa

No dia 26 de abril de 1500, num banco de coral na praia da Coroa Vermelha, no litoral sul da Bahia, foi rezada uma missa de Páscoa, a primeira de tantas que, desde então foram celebradas naquele que veio a tornar-se o maior país católico do mundo.



Frei Henrique sacraliza o ato de posse do Brasil

E quando veio o Evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, eles (os índios) se levantaram conosco e alçaram as mãos, ficando assim, até ser acabado: e então tornaram-se a assentar como nós... e em tal maneira sossegados, que, certifico a Vossa Alteza, nos fez muita devoção.- Carta de Caminha a El-Rei, 1º de maio de 1500

MIOLO_1500.pmd 28 2/6/2008, 10:18

A Primeira Missa e a conclusão de Caminha

Dias já faziam em que estavam os lusos ali entre idas à praia e voltas ao mar. Carregavam água, frutas e o lenho para os barcos, enquanto dois carpinteiros separavam um enorme tronco para a feitura da Cruz. Os índios, uns oitenta ou mais, tagarelas, estorvantes, arrodeavam os marinheiros em seus afazeres, olhando, pasmos, o efeito do fio do ferro na árvore. Da mata próxima vinham os barulhos da bicharada, o ruído forte dos papagaios, dos bugios, e de uma poucas pombas-rolas. A missa mesmo, a primeira no Brasil, deu-se no Domingo de Páscoa, 26 de abril de 1500, quando afincaram a Cruz no chão macio de um banco de areia em Porto Seguro.

O Frei Henrique de Coimbra, um franciscano, oficiou-a todo aparamentado, enquanto a tripulação congregava-se na praia às voltas do altar. Tomavam posse daquela Ilha de Vera Cruz, em nome do rei de Portugal e da Santa Fé católica. Os nativos, dóceis, se portaram de tal modo que Caminha convenceu-se da fácil conversão deles no futuro. Um par de padres, dos bons, escreveu ele ao rei, bastava.

MIOLO_1500.pmd 29 2/6/2008, 10:18

A decisão de vir ocupar o Brasil

Porém, não foi essa a decisão da Coroa. Demorou quase meio século para que um reduzido destacamento de jesuítas desembarcasse no Brasil para fins de catequese. As políticas anteriores de ocupação da nova terra (o arrendamento ao consórcio de cristãos-novos de Fernão de Noronha, e, depois, a doação de capitanias), redundaram em fracasso. Foi o acirramento do combate teológico contra os protestantes, e as visitas das naus bretãs e flamengas atrás do pau-tinta, que fizeram o rei abandonar a desatenção para com o Brasil. Tinha urgentemente que ocupar os pontos estratégicos da costa e pôr aqueles hereges a correr. Ou tomava conta de vez, ou perdia tudo.

MIOLO_1500.pmd 30 2/6/2008, 10:18

Os primeiros seis missionários



Anchieta e o Padre Nóbrega

A guerra econômica e religiosa das Europas transferiu-se, assim, para o Brasil. Nos barcos de Tomé de Souza, o fundador de Salvador, vieram, junto, em março de 1549, os soldados de Cristo, os homens-de-preto da recém fundada Ordem de Santo Inácio de Loyola. Eram apenas quatro. Os Padres Manoel da Nóbrega e Aspicuelta Navarro foram os mais famosos, depois, é claro, do Padre José de Anchieta, que arribou mais tarde. A eles juntaram-se mais dois: Antônio Rodrigues, um ex-soldado mestre nos idiomas nativos, e Pêro Correia, um ricaço que decidira-se pelo hábito talar, e que, para Nóbrega, "era a melhor língua do Brasil". O trabalho era imenso. Evangelizar aquela massa de gentios, com mil falas, que se espalhava por aquele mundão todo, era tarefa de gigantes. Talvez nem o Apóstolo Paulo, no lugar deles, conseguisse.

Desentendeu-se Nóbrega, a seguir, com o teólogo Quirino Caxa, examinador dos Casos de Consciência da Bahia, que dera o parecer, bem pouco cristão, de que um pai índio, em caso de penúria "da grande", podia vender seus filhos, e que o próprio nativo, se em idade para tanto, podia empenhar a si mesmo. Lançadas as fundações do Colégio de Meninos de Salvador, o Padre Nóbrega, o cérebro estratégico da Companhia de Jesus no Brasil, não demorou em perceber, depois de uma visita que fez a São Vicente, bem mais ao sul, das vantagens da instalação de um centro de catequese no Planalto de Piratininga.



Ícone da Virgem, poderoso instrumento da conversão

MIOLO_1500.pmd 31 2/6/2008, 10:18

A Espada e a Cruz

Soubera lá, ao tentar demover o branco João Ramalho de deixar de ser um sultão em meio a um serralho de índias, que o Rio Tietê era um intrometido. Enfiava-se por todo o sertão. Construindo o Colégio de São Paulo, batizado em janeiro de 1554, a cavaleiro daquele rio de caipiras, ele se entregaria à conquista espiritual da bacia do Paraná. Sonhou em chegar até ao Paraguai. Com um missal e um rosário em punho, seguido por um reduzido coral de curumins flautistas, enfiados em canoas, faria milagres. Estenderia um Império teocrático até o sopé dos Andes. Dissuadiu-o Tomé de Souza, que não queria briga com os castelhanos. Virou-se, então, para a necessidade de vir ocupar a Guanabara (escreveu ao bispo em Salvador, dizendo-lhe do perigo de abandonar-se aquela área).

Logo, Estácio de Sá, em campanha contra os franceses no Rio de Janeiro, chamou-o. Queria o Padre Nóbrega e seus orfeus-mirins para que, com seus trinados, exorcizassem a presença calvinista da Baía da Guanabara e fizessem sossegar os Tamoios. Apresentou-se a ele o jesuíta, em 1565. A batina e a couraça, a cruz e a espada, aliadas, garantiram que São Sebastião do Rio de Janeiro ficasse com os lusitanos.



Estácio de Sá desembarca no Morro do Cão

Dada a pouca esperança de muitos portugueses em ver prosperar aquela capitania, muitos deram a desandar, a desertar. Queriam voltar para a terrinha, para Lisboa. Ai deles! Nóbrega virou fera. Deus os mandara ali, e eles tinham que ficar. Nada de frouxuras. Chamaram-no de tirano, disseram-se "cativos do faraó", mas se aquietaram.

MIOLO_1500.pmd 32 2/6/2008, 10:18

A expansão do Catolicismo

E assim, com igrejas e capelas, santuários erguidos nas aparições da Virgem, orações, cantorias, procissões, conversões e batismos, trazendo mais padres e outras ordens (dos franciscanos, carmelitas, beneditinos, mercedários, e outros), a Igreja Católica foi doutrinando, educando e civilizando o bruto que aqui estava, e o outro bruto que aqui chegava. Com ameaças ao Inferno, recorrendo, por vezes, à "vara de ferro" e ao látego, erguidos contra o animismo, o feiticismo, a magia e a heresia, espantaram-nos desta parte do Novo Mundo. Uma Santa Casa aqui, um Colégio acolá, uma cama de lençóis para um doente, um tema de Cícero, um asilo para um órfão, uma lição do De Bello Gallico, que, somados aos oceânicos sermões do Padre Vieira, fizeram com que se mantivesse, em mãos católicas, uma das maiores extensões de terras do mundo ocidental. E dizer que tudo isso começou 500 atrás, numa improvisada missa campal, puxada à frente de uma cruz de madeira bárbara, em hora de sol a pino, encerrada em seu final à bulha de "corno ou buzina", saltos e danças, feitos por uns nativos esquisitos, numa desconhecida praia da Bahia!



Padre Vieira, o gigante do século barroco

MIOLO_1500.pmd 33 2/6/2008, 10:18

Etapas da Conquista Espiritual do Catolicismo no Brasil Colonial

Missões	Áreas geográficas alcançadas
1º Movimento (Litoral)	A partir de 1549: ocupação do litoral, a costa do pau-brasil e a zona da mata açucareira, que abarcavam o Rio Grande do Norte até São Vicente. Política de fundações de colégios e implantação de aldeamentos, lideradas pelos Padres Nóbrega e Anchieta.
2º Movimento (Sertão)	A partir de 1554: adentrando no interior pelo Rio São Francisco e o Rio Tietê, a partir do Planalto de Piratininga, com fundação de aldeamentos nas beiras dos rios.
3º Movimento (Floresta)	Entre 1620-1650: ocupando São Luís do Maranhão, depois da rendição da França Equinocial, em 1616, penetram nas planícies do norte pelos rios Pindaré, Itapecuru e Mearim e, partindo de Nossa Senhora do Belém do Pará, remando pelo Rio Amazonas adentro, vão até as fronteiras mais orientais da floresta. O principal dessas missões foi o Padre Vieira (1653-1661).
4º Movimento (Minas)	A partir de 1700: impulsionado pelo clero secular e pelas irmandades, que se espalham pelas áreas do garimpo do ouro e dos diamantes, por Vila Rica do Ouro Preto, Sabará, São João del Rei, Diamantina, e de lá, na carona das monções, atingindo Goiás e Cuiabá.

Fonte: adaptado, com pequenas alterações, de Eduardo Hoonaert (org.) História da Igreja no Brasil na Primeira época, Petrópolis RJ, Ed. Paulinas-Vozes, Tomo II/1983

MIOLO_1500.pmd 34 2/6/2008, 10:18

Bibliografia

Abreu, Capistrano de - O descobrimento do Brasil, Sociedade Capistrano de Abreu, Annuario do Brasil, 1929.

Cortesão, Jaime - Os descobrimentos pré-colombinos dos portugueses, Editora Portugália, Lisboa, 1966.

Cortesão, Jaime - A expansão dos portugueses no Período Henriquino, Editora Portugália, Lisboa, 1965.

Cortesão, Jaime - A expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil, Editora Portugália, Lisboa, 1967.

Bethell, Leslie - História da América latina: a América Latina Colonial. Eduspe, São Paulo, 1997.

Friederici, Georg - Caráter da descoberta e conquista da América pelos europeus - Instituto Nacional do Livro-MEC, Rio de Janeiro, 1967.

Gerbi, Antonello - *La naturaleza de las Indias Nuevas, Fondo de Cultura Económica*, México, 1978.

Giucci, Guillermo - *La conquista de lo maravilloso: el Nuevo Mundo - Ediciones Juan Darién,* Montevidéu, 1992.

Godinho, Vitorino M. - A economia dos descobrimentos Henriquinos - Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1962.

Prestage, Edgar - Descobridores portugueses, Edições Gama, Lisboa, 1942.

Romano, Ruggiero - Os conquistadores da América, Publicações Dom Quixote, Lisboa,1972.

Salas, Alberto Mario - *Las armas de la conquista*, Emecé, Buenos Aires, 1950.

MIOLO_1500.pmd 35 2/6/2008, 10:18

Salvador, Frei Vicente do - História do Brasil, Editora Melhoramentos - MEC, 1975.

Sanceau, Elaine - D.Henrique, o navegador - Livraria Civilização Editora, Porto, Lisboa, s/data.

Vespúcio, Américo - Novo Mundo - Editora L&PM, Porto Alegre, 1984.

Weckmann, Luis - *La herencia medieval del Brasil, Fondo de Cultura Económica*, México, 1993.

MIOLO_1500.pmd 36 2/6/2008, 10:18